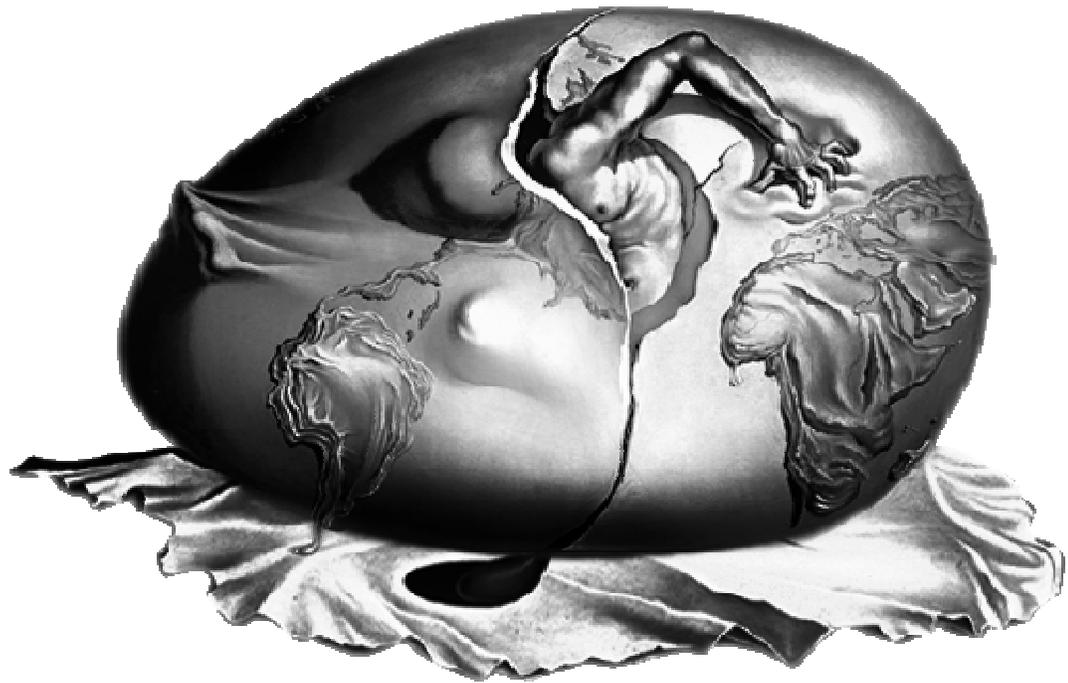


# BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 06, 1995



UNIR

# PSICOLOGIA SOCIAL E CONSCIÊNCIA

ELISABETE CHRISTOFOLETTI \*

## Resumo

A Psicologia Social foi se constituindo, considerando a realidade histórico-político-social na qual está inserida, através da autocrítica. O desenvolvimento pode ser percebido quando a Psicologia Social conseguiu conviver com posturas divergentes como a de tradição biológica dentre outras, superando-as do ponto de vista da capacidade de responder aos problemas do Homem. Nota-se no início da década de 80, com a retomada da prática da política como sendo de todos, a presença de uma grande preocupação: como possibilitar ao Homem o papel de Sujeito da História.

**Palavras-Chave:** Psicologia Social e Sujeito da História.

## Abstract

The Social Psychology was constituting if, considering the historical-political-social reality in the which is inserted, through the self-criticism. The development can be noticed when the Social Psychology got to live together with postures divergentes as the one of biological tradition among other, overcoming them of the point of view of the capacity of answering to the Man's problems. It is noticed in the beginning of the decade of 80, with the retaking of the practice of the politics as being of all, the presence of a great concern: how to make possible the Man the paper of Subject of the History.

**Key-Words:** Social psychology and Subject of the History.

Na década de 50 são iniciadas sistematizações no caminho de uma Psicologia Social onde predominavam duas tendências de investigação. Primeiro, uma tradição pragmática (incentivando o saber “utilitarista”) oriundo dos Estados Unidos, trazendo a proposta de Skinner, onde a objetividade ganha espaço através da observação, de registro sistemático e experimentação; e toda alteração, criação de novas atitudes ou qualquer interferência nas relações grupais, deveriam se dar no sentido de harmonizá-las e garantir a produtividade do grupo, minimizando conflitos. Segundo, uma tendência de tradição filosófica europeia, apoiando-se na fenomenologia (Léwin), em que parte-se da subjetividade, buscando modelos científicos totalizantes, de laboratórios. Também esta tendência preocupa-se em evitar catástrofes, mantendo uma postura curativa. (LANE, Sílvia, 1984)

Estas duas grandes linhas teórico-metodológicas não dão conta de toda a Psicologia considerando a inquietação sobre o cotidiano e o social.

Skinner e Lewin tentam recuperar a história do homem enquanto processo, numa dimensão individual. Chegaram a compreensão de que a história social produz os homens e como esse homem existe hoje, mas não fazem a análise de que as relações são estabelecidas, produzidas em completo envolvimento entre o Sistema e o Sujeito, bem como a mudança e a transformação como constante para a compreensão do homem enquanto produtor da história.

Na década de 60, no Brasil, as leituras e estudos feitos se norteavam por Bleger, Merani, Poitou, Pecheux, um pouco mais tarde de Goffman, Piaget, Vigotsky e ainda Alex Leontiev que elucidaram a questão epistemológica das categorias do conhecimento psicológico (consciência, atividade, personalidade).

A Psicologia Social foi se constituindo, considerando a realidade histórico-político-social na qual está inserida, através da autocrítica. O desenvolvimento pode ser percebido quando a Psicologia Social conseguiu conviver com posturas divergentes como a de tradição biológica dentre outras, superando-as do ponto de vista da capacidade de responder aos problemas do Homem.

Nota-se no início da década de 80, com a retomada da prática da política como sendo de todos, a presença de uma grande preocupação: como possibilitar ao Homem o papel de Sujeito da História.

Partindo do pressuposto que nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado, mas uma sociedade (onde há grupos que refletem, atuam, transformam a si, a realidade, a sociedade), tornou-se de fundamental importância entender o movimento da consciência, e os processos grupais nos seus determinantes históricos-culturais.

O homem é considerado como um ser em movimento, assim como sua identidade é uma metamorfose, que só pode ser entendida, compreendida, quando na inserção histórico-social. Somente consegue sobreviver na relação com outros homens, constituindo grupos ao longo da vida. A linguagem adquirida possibilita e amplia suas relações.

Nas relações grupais os indivíduos podem, se houver reflexão das atividades realizadas, ter consciência dele mesmo e dos outros. Na superação da sua individualidade poderá perceber que as condições históricas em que vive não faz parte de uma particularidade, mas que seu universo é partilhado com outras pessoas, caminhando para a consciência de classe, colaborando na manutenção ou transformação da realidade.

O homem não é um ser estático, mas um ser em movimento. Ao mesmo tempo em que produz a história está reproduzindo e alterando o cotidiano.

Anteriormente considerado, por um tipo de Psicologia Social, como um ser estático, passivo, movido por estímulos e deles conseqüência, criatura da natureza (já proposto por Aristóteles) por ela é determinada, abrindo a possibilidade de estabelecer uma relação de causa-efeito, produto da sociedade, determinado pelas variáveis mais relevantes e quanto maior for o controle destas variáveis, tanto mais acurada será a predição.

No período em que prevaleceu o pré-determinismo, onde o pensamento grego, que é racionalista mas não incontroverso, fora “dado” ao homem o poder de optar entre Deus e o Diabo, mas não a liberdade. A liberdade apresentava-se como vencida, um presente que se ganha após a morte.

O pensamento Medieval entendia as interferências afetivas a partir de duas orientações: voluntarista (de influência agostiniana) e intelectualista (tomista). Na orientação voluntarista, o conhecimento deriva da vontade de por-se acima das paixões; no intelectualismo, o conhecimento deriva da inteligência que não pode ser perturbada pelos afetos.

Posteriormente, o iluminismo eleva o homem ao centro e não mais Deus. A razão predomina assim como a idéia de onipotência da vida intelectual e afetiva. No interesse do poder a razão ignora a verdade antropológica do homem, modelado pelo empirismo, e pelo que é revelado pela experiência.

A Psicologia, mais adiante, neste emaranhado, buscou compreender o homem, e para isso foi ao encontro do materialismo histórico. Nos anos 20 Politzer na França faz uma crítica à Psicologia e propõe uma psicologia completa onde o homem seria estudado como totalidade através de narrativa do próprio indivíduo, unindo a objetividade da observação e a subjetividade do relato verbal. Vigotsky, na União Soviética, enfatiza a linguagem em seu caráter de produto histórico social, para o desenvolvimento do pensamento, das relações sociais e subjetividade.

Mesmo assim ainda restava um espaço para a consideração do homem sensível banhado de desejos e emoções.

Procurando ocupar esta lacuna, Rouanet em “A Razão Cativa”, faz seu alerta. O homem tem sido compreendido (ou não), mas não é esta a razão que predomina em seu mundo (interior), é preciso redescobrir o homem-emoção. Para tanto, propõe uma releitura de Habermas e Freud, na tentativa de resgatar este ser humano.

A “falsa consciência” segundo Rouanet tem sido tratada até agora numa perspectiva externa, como as relações de produção, a ideologia, a base econômica, e não a fonte de onde ela realmente brota, que é na consciência. Quando a “falsa consciência” é apresentada por Rouanet como iniciada na consciência é compreendida como espiritual.

Para justificar seu pensamento Rouanet segue uma longa trajetória, resgatando desde o pensamento grego até Freud.

Tentemos compreender a partir de uma breve retrospectiva do pensamento como e porque o desejo e a razão foram apresentados durante muito tempo como opostos.

Para melhor compreensão, dividamos a história do pensamento em três momentos: o Pré-moderno, o Moderno e o Iluminismo.

No primeiro período, prevalece o tema das interferências, das influências afetivas. As paixões interferem no conhecimento, mas em nome do

funcionamento correto da vontade na produção de saber; da manutenção da objetividade para poder propor à vontade caminhos confiáveis, onde as paixões podem interferir com o conhecimento, numa interferência removível. A ilusão produzida por um pensamento, também estando sob o domínio dos afetos, pode ser dissolvida, e por fim a razão pode corrigir os sentidos enganadores.

Os sofistas sistematizaram as desconfianças de que os dados captados pelos sentidos podem expressar a verdade, vivendo em um mundo onde cada opinião sobre qualquer tema pode ser rejeitado por outro, isto tem como resultado a crença de que todo conhecimento se esgota na percepção. Existe algo subjetivo que nos impede de alcançar qualquer certeza sobre a realidade, mas não impede o conhecimento (relativo).

Será que a razão pode conhecer a verdadeira realidade? Pode o homem estar dividido em duas esferas, uma variável (percepção) e outra realidade absoluta (razão)? Ou como coloca Aristóteles, a “essência se realiza no particular, e só nele é real, da mesma forma que todas as aparências fenomenais constituem realizações da essência” (ROUANET, 1987. p.37)

Descartes destaca a influência das paixões sobre a vontade que pode levar ao erro, sendo então fonte de ilusão e de saber, pois, se a razão em si mesma é impotente, necessita, para ir além das intuições imediatas sobre o conhecimento, da vontade (a ilusão de uma razão soberana pode contrapor-se ao afeto).

A partir das intromissões afetivas criam-se “falsos princípios” aos “aparelhos cognitivos” de onde pode surgir a distorção resultante de uma razão incompetente, que não sabe pensar, e de uma razão arrogante que não sabe limitar-se.

No período Moderno, notamos a importância em corrigir as distorções dos sentidos, em que percebe-se a radicalização em relação à preocupação metodológica de prover as razões com os instrumentos adequados, ao mesmo tempo em que mostram os limites estruturais da razão, que não podem ser removidas metodologicamente e cujo desconhecimento ocasionaria uma ilusão diferente, resultante de uma razão que exorbita aos seus limites. A consciência dos limites do entendimento é fundamental pois, este é visto como um espelho falso que recebe fortes raios solares, distorcendo o que se vê.

A consciência pode libertar-se desse emaranhado (segundo Bacon e Kant) quebrando o que a amarra por dois caminhos: empirista (Locke) que aceita opiniões baseadas na experiência sensível; racionalista (Descartes) que aceita opiniões baseadas em evidências racionais.

Ilusão pensar que com lastros conseguimos conter o entendimento impedindo-o de saltar e voar. Esquecendo de falsas opiniões que durante determinado tempo foram verdades que permearam a existência.

No final deste período coloca-se mais uma questão: a distorção cognitiva resulta de uma razão incompetente que não sabe pensar, e de uma razão arrogante que não sabe limitar-se.

No terceiro período, consegue o Iluminismo fazer uma ponte entre as ilusões da consciência e a ordem social e política. A ilusão de ser uma simples deficiência subjetiva passando a enraizar-se em contextos de dominação de onde nasce, perde a ingenuidade, inocência que parecia haver nos dois períodos anteriores. É como se uma visão mais ampla viesse a discussão. Os desejos, as necessidades e a vida social, passam a ser consideradas como paixões manipuladas facilmente para fornecer ou inibir o conhecimento, para que se perpetue ou rompa a ilusão.

O homem vive em uma realidade onde a sensação está presente, mas isso não impede que ele consiga negar e aceitar outras que apresentam-se de forma coerente com certa realidade. Este homem de que fala o Iluminismo é menos passivo do que antes. A vontade existe, e ele tem domínio sobre ela. A razão sendo guiada pela experiência, pode alcançar a verdade, que é relativa, e da qual o homem é capaz de atingí-la (Hume).

É interessante alguns aspectos do trabalho de Hume, por exemplo quando discute que o dogmatismo aprisiona a razão. Também as falsas opiniões não são vistas como obstáculos ao saber teórico, mas sim como obstáculos ao auto-conhecimento do homem, enquanto comunidade política, natureza, sistema social. Mesmo tendo como parceira a esfera social, as ilusões da consciência são pensadas numa perspectiva onde o individualismo predomina.

Hegel em sua crítica ao Iluminismo diz que mergulhado na ilusão, o homem ignora a verdade sobre si mesmo e seus adversários. Não consegue

avançar na própria teoria iluminista da distorção cognitiva onde o “espaço social é o da ilusão, tornando-se agente da mentira, mas em que estes, apesar de também iludidos, dispõem de um grau mais elevado de consciência, e a utilizam para manter as massas prisioneiras do erro, estabilizando assim o seu poder”.(idem. p.65)

Para o pensamento Hegeliano, existe tanto uma consciência verdadeira (quando o conhecimento do objeto e de si mesmo está dentro dos limites do que é historicamente possível) quanto uma consciência falsa (quando não se percebe este conhecimento como algo apenas parcial).

Retoma vários conceitos e os elabora segundo sua visão. A verdade é tida como um todo que não está em movimento, mas no processo experimentado, existido na razão; o nada passa a ser real

Para Hegel, a falsa consciência está sujeita a uma história, da qual participa sem às vezes saber que está participando. É falsa não por uma deficiência própria, intrínseca ou contingencial, mas porque “os tempos não estão maduros”.

Feuerbach discute que a consciência até agora não tem conseguido exprimir a verdade do ser projetando-o para isso no supra-sensível, sob a forma da religião que para ele é a forma alienada da essência humana. Concebido como sujeito material, enquanto ser genérico, diz a verdade sobre si mesmo, embora esconda-se na mistificação.

Marx abre espaço para um outro lado da consciência além do Espírito: a materialidade da sociedade. Fala da prática social de homens concretos que através da produção do que necessitam para viver, se reproduzem.

A questão da falsa consciência está presente nos escritos de Marx desde o início, passando por vários momentos. O primeiro, hegeliano, pensa a falsa consciência como um não-saber do sujeito quanto as estruturas de um mundo alienado. No segundo, Marx pensa que é fruto (falsa consciência) do não-saber do sujeito quanto a base material da sociedade. Para o terceiro momento o desconhecimento não mais se refere ao sujeito, mas a própria forma de existência real, no modo de produção, como encontramos mais adiante na teoria do fetiche. No quarto momento, o não-saber “é o correlato subjetivo de uma instância ideológica concebida como objetiva, datada de uma produtividade

histórica própria, sobredeterminando a determinação econômica - a teoria dos "aparelhos ideológicos do Estado"( ib. p.74).

Segundo Marx, o homem se coloca em sua produção, é sua revelação. A sociedade de classes que surge a partir do momento em que alguns apoderam-se dos meios de produção, também impossibilita o homem de poder satisfazer suas necessidades, determinar, se ver e usufruir daquilo que ele produz; o homem é expropriado dessa objetividade.

Podemos dizer que a consciência em Marx é falsa quando as condições históricas apoderam-se da objetividade humana (como exemplo no capitalismo). O produto do trabalho é tido como algo alheio, onde o homem não se reconhece. A consciência pode ser verdadeira nas condições históricas em que o homem de posse da mediação - meios de produção - estabelece uma relação de dominação impondo à natureza os seus desejos e necessidades, acabando por ser sujeito desta ação.

Na superação da falsa consciência é necessário que o homem retome, tenha a posse dos meios de produção para que em suas ações possa reconhecer-se.

A ilusão na reflexão marxista na fase do fetichismo passa a ser importante no sentido de que sem ela o capital não poderia se realizar. A ilusão, como a própria forma de funcionamento da realidade, passa a ser material.

Refletindo sobre os obstáculos ao conhecimento, chegamos aos fatores sociais que mostram à razão seus limites. Abandonando a esfera da subjetividade, a razão, alcança a esfera política, onde fica claro que a ordem existente manipula os mecanismos afetivos, cognitivos para que a alienação permaneça e a ordem social vigente também.

No espaço externo a razão torna-se mais concreta, situando as ilusões na vida material, coletiva. Esta relação externa, abre espaço para a problemática interna, revalorizando o desejo individual como também determinante da percepção e ação.

Freud apresenta-nos a possibilidade de estudar os dinamismos que levam a realidade externa a excluir ou deformar as percepções, impulsionando o pensamento em uma ou outra direção, impondo certas conexões e não outras, a ação de repressão do imaginário e outras necessidades.

De que modo e porque o indivíduo se sujeita ao senso comum dominante? Para Rouanet o processo de falsificação da consciência pode encontrar respostas através das defesas, (que é a chave da teoria freudiana), que o ego (no caso as exigências sociais claras ou não) interfere no trabalho da percepção, do pensamento e do imaginário, levando esta consciência a falsas percepções e conexões ou até inibir todas estas funções.

Estes mecanismos de defesa podem apresentar-se de várias formas, embora todas queiram regular o acesso à consciência.

Com os mecanismos de defesa atuantes, o processo de falsificação da consciência ocorre no nível da linguagem, e é provocado basicamente por práticas sociais autoritárias que tiram da comunicação pública certas interpretações lingüísticas indesejáveis, impondo o pensamento desejado. Estas defesas repressivas impossibilitam as representações de desejos no homem, embora não satisfeitos não são eliminados, estes desejos são reprimidos, passando a exigir uma satisfação compensatória, enquanto os impulsos reprimidos, travam uma grande luta para realizarem-se.

Rouanet como Habermas, concluem que a falsa consciência é produzida quando há inibição por parte da comunicação, pela supressão do discurso político, pela excomunhão das interpretações perigosas para o sistema dominante, e sua superação se dá através da comunicação retomando as interpretações de discurso, que permitem aos indivíduos despertarem, redescobrirem-se, buscando a satisfação de suas necessidades, assumindo seus direitos como cidadãos e reconhecendo-se como sujeitos coletivos.

Falsa consciência, verdadeira consciência, razão e emoção, estiveram ocupando as mesmas cadeiras em diferentes momentos históricos e de desenvolvimento do pensamento.

A Psicologia Social entendendo o homem como ser em movimento, que adquirindo a linguagem tem possibilidade de participar e relacionar-se com outros, não pensa que a consciência (falsa ou não) é determinada pela razão ou pela emoção, ou pelo desejo. O homem de que falamos é um ser total, inteiro, que não dicotomiza seu viver.

A dialética da razão e da paixão apresenta-se com múltiplas facetas, em suas ambigüidades e entrelaçamentos, não é um simples conflito, mas a amplitude.

Nos é chamada a atenção para o fato de que se o indivíduo estiver sendo levado pela razão não será feliz, mas se por outro lado deixar-se levar pela paixão, terá somente a ilusão de ser feliz, mas não a terá. É preciso equilíbrio.

Quanto à paixão, temos a paixão da vida ( amor) e a paixão da morte (ódio). No diálogo com a razão, as paixões tornam-se nebulosas, mais sólidas, mais concretas, chegando a consciência de si enquanto paixões. A razão por sua vez pode comportar-se de modo insensato ou sensato. A razão pode tornar-se incompetente por não saber pensar ou arrogante, por não saber limitar-se.

Desejo e razão podem de formas diferentes serem coordenadas pelo homem. Nenhuma delas tem condições de considerar-se dona da verdade absoluta. A razão pode ser facilmente controlada, mas o desejo, e a paixão encontram mecanismos que internalizados, levam a excluir ou deformar suas percepções, mas nem sempre este indivíduo consegue perceber o que está acontecendo consigo.

Este processo de falsificação da consciência encontra respaldo nos mecanismos de defesa, que interferem no pensamento, isto é, regulam o que deve ou não ter acesso à consciência. Os desejos ficam presos, mas manifestam-se em outras instâncias, de outras formas, em busca de uma compensação que satisfaça as necessidades do indivíduo. Isto ocorre ao nível da linguagem e através das práticas sociais autoritárias.

Assim Rouanet faz sua releitura de Habermas e Freud apontando também para a superação desta falsa consciência, através da retomada da comunicação (a linguagem como mediadora). A presença do discurso político pelo qual as pessoas possam fazer suas interpretações permitindo que os indivíduos despertem e busquem a satisfação de cada uma de suas necessidades, através de seus direitos e reconhecendo-se como sujeitos coletivos, donos de um saber coletivo e de força política.

Rouanet apresenta uma falsa consciência a partir do interno. Acreditamos ser preciso resgatar o homem em sua revelação, em seu cotidiano, quando

exercita seu discurso político. A partir do momento em que o homem passe a reconhecer-se em sua cotidianidade a consciência não poderá ser falsificada.

Contudo apesar de Rouanet apresentar-nos um caminho através de Freud e Habermas, com certeza não é o único, basta cairmos nesse emaranhado onde a Psicologia Social se faz presente e desvendarmos os desafios que a nós é apresentado.

“Enquanto herdeira do iluminismo, a tarefa da razão sábia é afastar as paixões assegurando a objetividade do saber, e libertar as paixões sempre que essa libertação contribua para aumentar a autonomia do homem.”

## BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Sérgio. **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo, Companhia das letras, 1987.

HABERMAS, Jurgem. A Nova Intransparência - A crise de bem - estar social e o esgotamento das energias utópicas, in **Novos Estudos** CEBRAP, n.18 set. 87

\_\_\_\_\_. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro, Guanabara 1987.

LANE, Sílvia. **A Psicologia Social** - O homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 1984

LANE, Sílvia & SAWAIA, Bader. **Psicologia: Ciência ou Política?** São Paulo, EDUC, 1988.

ROUANET, Sérgio. **A Razão Cativa**. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

---

\*Mestra em Educação, Psicóloga Clínica